

Um olhar sobre
o passado



Património Arqueológico
no Concelho de Sabrosa



Um olhar
sobre o passado

PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO NO CONCELHO DE SABROSA





MENSAGEM DO PRESIDENTE

(reservar a primeira página para um texto do presidente/máximo de 10 linhas. Veja-se exemplo dos livros que se anexam. Há também a necessidade de incluir um mapa de localização do concelho de Sabrosa onde se destaquem as acessibilidades (A24 e Ip4)

(reservar a primeira página para um texto do presidente/máximo de 10 linhas. Veja-se exemplo dos livros que se anexam. Há também a necessidade de incluir um mapa de localização do concelho de Sabrosa onde se destaquem as acessibilidades (A24 e Ip4)

(reservar a primeira página para um texto do presidente/máximo de 10 linhas. Veja-se exemplo dos livros que se anexam. Há também a necessidade de incluir um mapa de localização do concelho de Sabrosa onde se destaquem as acessibilidades (A24 e Ip4)

(reservar a primeira página para um texto do presidente/máximo de 10 linhas. Veja-se exemplo dos livros que se anexam. Há também a necessidade de incluir um mapa de localização do concelho de Sabrosa onde se destaquem as acessibilidades (A24 e Ip4)



INTRODUÇÃO

O concelho de Sabrosa, parcela integrante da região de Trás-os-Montes e afecto ao distrito de Vila Real, assume-se, pelas suas reservas naturais e patrimoniais, como um espaço onde é possível conciliar o desenvolvimento económico com a conservação e a reabilitação da natureza e do passado histórico.

A sua localização geográfica, englobando a mais antiga região demarcada de vinhos do mundo, permite-lhe o usufruto de magníficas paisagens cuja parte Sul integra o Alto Douro Vinhateiro, elevado pela UNESCO a Património Mundial da Humanidade.

Sabrosa é um concelho eminentemente agrícola e rural, com duas realidades geológicas muito distintas influenciando a paisagem e o modo de vida das suas gentes. No Norte, montanhoso, mais agreste e onde impera o granito, é da cultura de cereais, da floresta e da extracção da pedra que subsiste a maioria das pessoas. No Sul, dominado pelo xisto, as encostas sobranceiras ao rio Douro foram transformadas em socalcos, desenvolvendo-se a produção vinícola e ocasionando a proliferação de solares brasonados cujas quintas produtoras de vinho do Porto proporcionam, nos dias de hoje, provas de vinho e visitas às suas

instalações, dinamizando o turismo na região.

Contudo, e olhando sobre o Passado, grande parte do seu legado arqueológico, não raras vezes implantado em locais isolados e de difícil acesso, apresenta-se completamente votado ao abandono e dominado pela vegetação, não passando de simples locais periódicos de visita dos arqueólogos que, ano após ano, tentam lutar pela preservação/divulgação desta identidade local. Ciente da necessidade da reabilitação do seu passado histórico, e de há uns anos para cá, a Câmara Municipal de Sabrosa tem vindo a implementar um plano estratégico de desenvolvimento turístico/cultural que, num futuro próximo, se traduzirá, por exemplo, na criação de diversos "Museus de Ar Livre" que, certamente, agradarão à comunidade local, ao público estudantil e ao visitante em geral.



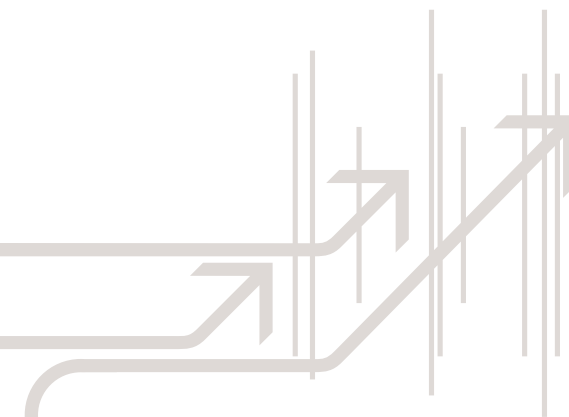
| Necrópole das Touças

Uma aposta na recuperação e promoção de sítios arqueológicos, incentivando-se uma viagem à alma do actual município de Sabrosa, tendo em atenção todos os seus Patrimónios [histórico, arquitectónico, humano, natural, religioso, gastronómico e etnográfico] e permitindo ao visitante todo um conjunto de viagens ao que esta região possui de mais íntimo. Sem dúvida, aspirações legítimas quando se pretende ofertar o património cultural numa perspectiva global e integrada do território municipal, assim como a sua importância no desenvolvimento comunitário.



| Povoado fortificado da Sancha

A curto prazo, e complementado por uma rede de percursos pedestres, o concelho de Sabrosa poderá propiciar a todo aquele que por aqui queira permanecer alguns dias a possibilidade de viajar calmamente no Passado, contemplando sepulturas com cerca de 6.000 anos e avançando paulatinamente no tempo através da observação e entendimento de outras marcas humanas mais recentes, mormente as deixadas pelos Romanos há cerca de 2.000 anos, os testemunhos medievais, a cultura da vinha, as inúmeras casas senhoriais, o património religioso, a arqueologia rural contemporânea e ainda o vasto e diversificado património etnográfico.



Ciente deste desafio, e em finais de 2001, a Câmara Municipal de Sabrosa solicitou à empresa ARQUEOHOJE, Conservação e Restauro do Património Monumental, Ldª (Viseu), a elaboração/execução de um projecto que contemplasse a recuperação e promoção de um dos elementos patrimoniais mais monumentais e significativos do concelho - a Mamoa 1 de Madorras (freguesia de S. Lourenço de Ribapinhão).

Tal projecto, submetido e aprovado no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio/Programa LEADER +, sob gestão da Associação do Douro Histórico, versou essencialmente o restauro, valorização, sinalização e promoção do monumento cujas estruturas internas, de grandes dimensões, jaziam instáveis e fragmentadas desde as intervenções científicas realizadas nos finais do século passado.



| Mamoa 1 de Madorras



| Visita do escritor Miguel Torga à Mamoa 1 de Madorras

Por finais do Vº/inícios do IVº milénio antes de Cristo (Neolítico médio/final), e com base nos resultados do trabalho de prospecção de campo desenvolvido com carácter sistemático a partir de 1983 pelo Dr. António Huet Bacelar Gonçalves, assiste-se à presença de pequenas comunidades humanas deambulando e vivendo na actual área administrativa do concelho de Sabrosa. Abrigando-se em pequenas estruturas feitas à base de materiais vegetais ou aproveitando os abrigos naturais, estas comunidades eram pastores por excelência, complementando a sua subsistência com a caça, a pesca, a recollecção dos recursos vegetais fornecidos pela natureza e a prática de uma agricultura ainda muito rudimentar.

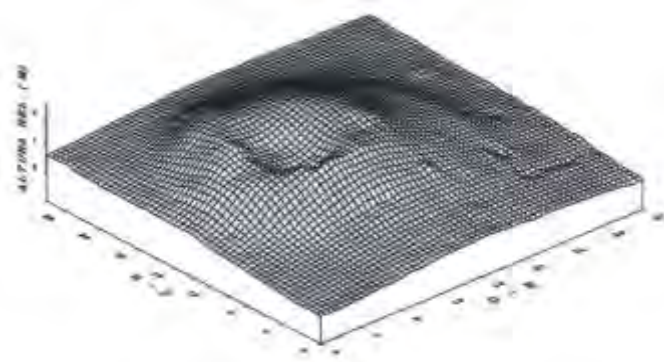
A OCUPAÇÃO HUMANA DO TERRITÓRIO



| Falcata - Povoado Fortificado da Sancha

Não dominavam ainda a técnica dos metais, produzindo os seus instrumentos em madeira, osso ou pedra. Entre outros, refiram-se os recipientes cerâmicos, as pontas de seta e os micrólitos (utilizados na caça com arco e flecha), as lâminas, os machados, as enxós e as goivas (desbaste/corte da madeira e da terra), as mós (trituração de leguminosas ou cereais), assim como os objectos de adorno (elementos de colar) obtidos a partir das mais distintas rochas e minerais.

A preocupação com a vida para além da morte levou-os a construir grandes túmulos de pedra, dólmenes ou antas, reservados à deposição dos corpos ou restos ósseos de um número restrito de indivíduos. À maioria da comunidade reservavam-se os abrigos rochosos, as fossas abertas no solo ou a simples exposição.



| Mamoa 1 de Madorras (Gonçalves & Cruz, 1994)

No caso particular de Sabrosa, em algumas das chãs que integram a extensa e recortada área de terreno ondulado que desde Pinhão Cel se estende até às margens do rio Douro, foram identificados cerca de duas dezenas de monumentos, destacando-se, pela sua monumentalidade e estado de conservação, a Mamoa 1 de Madorras com vestígios de pinturas e gravuras em alguns dos seus esteios.

Com efeito, na década de 80, sob a coordenação dos Drs. António Huet Bacelar Gonçalves e Domingos de Jesus da Cruz, procedeu-se à realização de intervenções científicas neste majestoso monumento megalítico, proporcionando resultados inovadores e de extrema importância para o conhecimento das comunidades que, há cerca de 6.000 anos, construíram esta imponente sepultura e habitaram a região circundante.

Infelizmente, e por falta de meios, não foi possível a consolidação, restauro e valorização de tão importante elemento patrimonial, chegando aos dias de hoje completamente votado ao abandono, envolto em vegetação, em adiantado estado de degradação e até ameaça de desmoronamento.

Não obstante o processo de classificação perante as entidades oficiais competentes, a autarquia pretendia pôr cõbro a este estado de abandono, propiciando-se ao visitante não a imagem de ruína mas sim de um monumento verdadeiramente valorizado, sinalizado e divulgado. O mesmo era extensivo ao monumento contíguo, de menores dimensões, o qual se apresentava completamente escondido na densa vegetação.



| Mamoa 1 de Madorras



A disposição próxima da vertical da sua estrutura interna definia um espaço - câmara - coberto por uma grande laje pesando várias toneladas, ao qual se acedia através de um corredor, igualmente coberto por lajes dispostas na horizontal, obliterado à entrada por uma laje funcionando como uma porta, a qual seria arredada quando da necessidade de uma nova deposição.

Sucintamente, a Mamoa 1 de Madorras compunha-se de estruturas complexas compostas por espaços bem definidos. Espaços mais “públicos” onde periodicamente tinham lugar determinados rituais abertos a toda a comunidade e espaços mais reservados e de acesso condicionado apenas a um reduzido número de indivíduos. Monumento de indole funerária mas também religiosa, perpetuando os seus antepassados e ao mesmo tempo assumindo-se como local de culto e de união entre as populações.



| Mamoa 1 de Madorras, aspecto final dos trabalhos arqueológicos

Originalmente, todo o conjunto se apresentava envolto por um montículo artificial de terra e pedras, sendo revestido e contido perifericamente por uma nova camada de pedras. Contudo, e por forma a permitir o acesso ao interior do sepulcro, o corredor prolongava-se, a descoberto, até à periferia do montículo, propiciando a existência de uma nova passagem. Ao olhar da(s) comunidade(s) construtora(s), avistar-se-ia um montículo artificial no qual apenas afloraria a pesada laje de cobertura da câmara funerária. No caso particular deste monumento, e após um curto período de utilização primária cronologicamente inserto nos inícios do Vº milénio a.C. e onde apenas terão sido depositados dois a três indivíduos, ter-se-á procedido ao encerramento da sepultura, sendo esta substituída por uma outra. Cerca de 2.000 anos depois, ter-se-á verificado a sua reutilização por outras gentes e novos inumados que nada tinham a ver com os primitivos construtores do monumento.



| Povoado fortificado da Sancha

Avançando no Tempo, e ao longo do IIIº milénio a.C. (Calcolítico), assiste-se a um maior controlo de acesso à terra arável e ao trabalho nela investido. A economia agro-pastoril desenvolve-se, adoptando-se novas tecnologias como o uso do arado. A tecelagem e a força de tracção animal adquirem um papel fundamental, deixando os animais domesticados de constituir só uma fonte alimentar. Regista-se a ocorrência dos primeiros objectos metálicos (cobre e ouro) e o aparecimento de povoados por vezes fortificados e com uma ocupação mais longa no tempo. Acentua-se a afirmação social de alguns, a produção de excedentes e a intensificação das trocas de matérias-primas e produtos acabados. As práticas funerárias vão-se modificando, não raras vezes reutilizando-se monumentos mais antigos. Com a melhoria das condições de vida, e ao longo dos finais do IIIº/inícios do Iº milénio a.C. (Idade do Bronze), os povoados estabilizam-se e neles se investe cada vez mais. Contudo, as estruturas habitacionais continuam a ser muito rudimentares, utilizando-se materiais perecíveis, limitando-se o uso da pedra quase sempre às sapatas, a pisos ou a estruturar buracos de postes. Procuram-se formações rochosas proeminentes na



paisagem ou sítios naturais elevados, de difícil acesso, nos quais são edificados muretes, taludes de terra e pedra ou mesmo verdadeiras muralhas. O povoamento torna-se mais organizado e denso, intensificam-se os investimentos agrícolas, acentua-se a metalurgia do bronze, o fabrico da cerâmica, da moagem, armazenagem, fiação, tecelagem e tratamento de peles ou couros. Surge a confrontação social e a afirmação do poder, intensifica-se a rede de comércio à distância e a generalização dos objectos metálicos como armas, adornos ou elementos de prestígio, que circulam largamente entre elites. Atenua-se o esforço na

| Cossioiros em cerâmica
Povoado fortificado da Chança

construção de sepulturas, cada vez menos relevadas no terreno e encerrando estruturas de tipo “cista”, fossas abertas no saibro ou outro género.

No caso particular de Sabrosa, e testemunhando a longa ocupação do espaço, refira-se, a título de exemplo, o sítio arqueológico das Cruzinhas (Souto Maior), um povoado de ar livre datável da Idade do Bronze Final, o Picoto de S. Domingos (Provesende), um povoado fortificado, talvez da Idade do Ferro, com uma ocupação muito extensa na Época Medieval, o Muragalho do Corisco e a Murada (Torre do Pinhão), ambos recintos amuralhados de cronologia imprecisa (Idade do Ferro?/Época Medieval?), e ainda o povoado fortificado da Sancha, sobranceiro à sede de concelho, e o da Sabica (S. Martinho de Anta), este último já completamente arrasado.

Os achados isolados de uma arrecada de ouro (350 a.C.) e de uma moeda em prata (385 a.C.) procedentes de Bouços (S. Martinho de Anta), permitem concluir que em pleno século IV^o a.C. se processaram relações comerciais, directas e indirectas, entre as populações indígenas e os fenícios e gregos.



| Fragmento cerâmico com decoração campaniforme
Mamoa 1 de Madorras

Por finais do século III^o a.C. assiste-se à chegada dos Romanos à Península Ibérica, directamente relacionada, entre outros aspectos, com o aproveitamento dos melhores solos para as práticas agrícolas e com a exploração dos recursos mineiros. Como principais legados do processo de romanização refiram-se as novas formas de religiosidade (com as suas inúmeras divindades posteriormente substituídas pelo Cristianismo), o latim, a numeração, o direito romano, o desenvolvimento das vias de comunicação, a agricultura, o comércio, a indústria, a arquitectura...

No caso particular de Sabrosa, foram identificados diversos sítios com vestígios desses tempos. Testemunhos que, na maior parte dos casos, se limitam a simples fragmentos de cerâmica de construção, industrial ou doméstica, colunas ou mós dispersas à superfície dos terrenos, indiciando a presença no subsolo de antigos muros pertencentes, na maior parte dos casos, a modestas quintas rurais ou explorações agro-pecuárias de maiores dimensões, fornecendo os seus produtos aos aglomerados mais densos da região. Particular destaque para o tesouro de Poio (Paradela de Guiães), um achado acidental importante pelo número de moedas e vasos de prata.



| Arrecada de ouro de Bouços



| Povoado fortificado da Sancha

Da Época Medieval (séculos V a XV), reconhecem-se na área do concelho diversos vestígios, destacando-se as sepulturas abertas na rocha das Touças (Vilar de Celas), Chão das Velhas (Arcã) e Chão dos Mouros (Donelo), assim como os dois sarcófagos e as cabeceiras de sepultura discoidais descobertas no adro da Capela do Senhor Jesus de Santa Marinha (Provesende).



| Necrópole Chão das Velhas



| Necrópole das Touças

BIBLIOGRAFIA

GONÇALVES, A. A. H. (1991), *Sabrosa - Património Arqueológico*, Câmara Municipal de Sabrosa.

GONÇALVES, A. A. H. (1992-93), Contribuição para o inventário Arqueológico do Concelho de Sabrosa - Distrito de Vila Real, *Portugália*, nova série, vol XIII-XIV, Porto, FLUP/IA, fl. 169-223.

GONÇALVES, A. A. H.; CRUZ, D. J. (1994), Resultados dos trabalhos de escavação da Mamoa 1 de Madorras (S. Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa, Vila Real), *Estudos Pré-Históricos*, 2, CEPBA, Viseu, pp. 171-232.

Ficha técnica

Titulo Um Olhar sobre o Passado - Património Arqueológico no Concelho de Sabrosa
 Promotor Câmara Municipal de Sabrosa
 Equipa de Restauro Luís Filipe Coutinho Gomes, João Miguel André Perpétuo, Filipe João Carvalho dos Santos e Rui Filipe Mendes Barbosa
 Coordenação Científica António Huet Bacelar Gonçalves e Domingos de Jesus da Cruz
 Coordenação e Créditos Fotográficos Arqueohoje, Lda
 Acompanhamento de Projecto Gráfico Arqueohoje, Lda - PCFM
 Projecto e Concepção Gráfica David Duarte Design
 Execução Gráfica
 ISBN
 Depósito Legal
 Editor Câmara Municipal de Sabrosa / Arqueohoje, Lda
 Projecto Co-Financiado Leader+ gerido pela Associação do Douro Histórico
 Tiragem 2500 exemplares
 2005 Arqueohoje, Lda

